



Revista de Biologia e Ciências da Terra

ISSN: 1519-5228

revbiocieter@yahoo.com.br

Universidade Estadual da Paraíba

Brasil

Panisset Travassos, Luiz Eduardo
Visões do relevo cárstico na mídia: literatura, filmes e notícias
Revista de Biologia e Ciências da Terra, vol. 7, núm. 2, segundo semestre, 2007
Universidade Estadual da Paraíba
Paraíba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=50007214>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Visões do relevo cárstico na mídia: literatura, filmes e notícias¹

Luiz Eduardo Panisset Travassos²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo resumir os principais tópicos abordados na palestra “Visões do carste na mídia: literatura, filmes e notícias” ministrada aos alunos do 5º período do Curso de Geografia da PUC Minas (Campus Coração Eucarístico). O trabalho explora um lado ainda pouco divulgado dos estudos das áreas cársticas e suas cavernas: *os estudos humanistas do carste*. Apresenta exemplos de como o relevo cárstico é normalmente retratado na mídia.

Palavras-chave: Percepção, carste, cavernas, mídia

Visions from karst relief inside the media: literature, movies and news

ABSTRACT

This work aims at summarize the main topics addressed in the lecture "Visions of karst in the media: literature, movies and news" given to Undergraduate Geography students from the 3rd year (5th period) of PUC Minas University (Coração Eucarístico Campus). The work explores the little known field of study of karst areas and caves: the humanistic study of karst. The work presents examples of how karst scenarios are usually portrayed in the media.

Keywords: Perception, karst, caves, media.

1 INTRODUÇÃO

A paisagem cárstica, como um todo, tem a capacidade de atrair e repelir pessoas. Torna-se, portanto, uma paisagem natural ambígua capaz de produzir sentimentos *topofílicos* e *topofóbicos*. Suas formas exteriores (paredões, dolinas, lagoas, etc.) atraem turistas em todo o mundo e fazem parte da trama de diversas obras de ficção. As cavernas, no entanto, são capazes de repelir indivíduos constituindo-se como o pano de fundo para lendas e estórias fantásticas e, geralmente, aterrorizantes.

Esse tipo de paisagem pode, também, ser valorada por diferentes grupos sociais como lugares sagrados propícios a práticas rituais. São os exemplos das *cavernas-templo* ou *cavernas-igreja* espalhadas pelo Globo. No imaginário coletivo, suas formas de rara beleza podem ser atribuídas a *casos, Santos, Mártires ou Lamas* impregnando o espaço endocárstico transformando-o em um lugar cheio de significados.

casos, Santos, Mártires ou Lamas impregnando o espaço endocárstico transformando-o em um lugar cheio de significados.

2 A IMAGEM NA GEOGRAFIA

Acredita-se que a Geografia seja uma ciência onde a imagem não pode ser relegada a segundo plano. O tratamento de imagens, a confecção de mapas ou a espacialização de dados estatísticos conferem a qualquer de seus campos de estudo, um sentido visual e especial. Para Tuan (1983, p.6) “*o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor*”. A “*pausa no movimento*” (TUAN, 1983, p.153) favorecida pela imagem é, justamente, a atribuição de valores ao espaço pelo indivíduo ou grupo social.

Essa valoração da paisagem e a dicotomia entre *espaço* x *lugar* são, portanto, muito importantes nos estudos de percepção ambiental em áreas cársticas. A maneira como uma pessoa se comporta no ambiente é justamente a sua representação cognitiva do meio. Para Tuan (1983, p. 164) “*a arte constrói imagens do sentimento, tornando-o acessível à contemplação e meditação*” e os espaços capturados na mídia são transformados em lugares cheios de significados.

Nos estudos geográficos, acreditamos não ser possível dissociar a figura de Alexander Von Humboldt. Humboldt era um cientista preocupado com a forma de tratamento da linguagem e seu efeito no leitor (RICOTTA, 2003), suprindo a carência de equipamentos que captassem imagens como se tem hoje em dia. Seu encantamento com a natureza deve ser fonte de inspiração, nunca se esquecendo do rigor científico. A forma pela qual Humboldt escrevia suas obras propicia ao leitor a construção de imagens mentais próximas da realidade, indo da Geografia Física à Geografia Humana.

Humboldt (1850) já identificava exemplos de locais ricos em simbolismos na Venezuela (Cueva del Atarupe) como espaços sagrados para a prática de enterros cerimoniais. Na Caverna de Atarupe, leva ao leitor a imagem de “*cerca de 600 esqueletos bem preservados em cestas de folhas de palmeira*” (HUMBOLDT, 1850, p.171), confirmando a sacralidade do lugar. Percebeu a importância do imaginário coletivo para a preservação de uma espécie de ave, na Caverna dos Guacharos. Descreve ao leitor que “*os guacharos teriam sido destruídos há anos atrás se não fosse a superstição dos nativos que os impede de ir nos locais mais escuros da caverna onde outros ninhos são feitos*” (HUMBOLDT, 1852, p.258). Sendo assim, desde os tempos mais remotos a imagem sempre esteve presente na Geografia.

3 A UTILIZAÇÃO DO CARSTE E DAS CAVERNAS

Desde os tempos mais remotos, as cavernas sempre desempenharam papel importante nas sociedades humanas. Como

locais de abrigo ou culto, ocuparam (e ainda ocupam) a imaginação humana, especialmente no tocante ao que poderia ser encontrado em seu interior. Assim, para muitas pessoas, o simples fato de escutar a palavra *caverna* é suficiente para provocar sentimentos negativos e, principalmente, claustrofóbicos com imagens de um mundo sombrio habitado por demônios e outros seres.

Assim, a compreensão das emoções e dos sentimentos humanos é, de certa forma, propiciada pela ficção e pela imaginação. Em diversas culturas e em todos os tempos, a literatura nos brinda com “*insights*” de nosso interior (OLIVEIRA, 2006). Sob essa perspectiva, cada imagem e idéia que se tem sobre a realidade são compostas pela experiência pessoal, imaginação e memória.

Em alguns casos, muitas lendas e mitos associam as cavernas à morada de deuses ou locais de ressurreição, fertilidade ou adoração. Na Bíblia, são mencionadas como abrigos, tumbas, esconderijos ou locais para reza e meditação (STEWART, 2005). Tornam-se, portanto, símbolos sobre os quais florescem determinados mitos. Para Tuan (1983, p.97) “*o mito não é uma crença que possa ser facilmente verificada ou negada pela evidencia dos sentidos*”.

Talvez a obra mais conhecida que utiliza uma caverna como figura para expressão das idéias, seja a “*Alegoria da Caverna*”. Nesse trabalho, o filósofo grego Platão utiliza a caverna para realizar uma analogia à libertação do homem para a filosofia, ou melhor, para entender o nível de conhecimento humano e a relação com seu entorno. Na caverna, indefesos prisioneiros são mantidos acorrentados desde a infância, impossibilitados de se mexer ou de se verem. Dessa forma, são forçados a acreditar em tudo o que seus captadores consideram realidade e lhes mostram através da sombra de uma fogueira acessa.

Stewart (2004; 2005) lembra que, também na mitologia Grega e Romana, inúmeras “*viagens*” foram feitas ao subterrâneo, sendo exemplificadas, por exemplo, na *Ilíada* de Homero. Já no início do século XIII, Dante Alighieri foi um dos primeiros escritores a combinar mitologia, ciência e religião na *Divina Comédia*. Essa obra descreve uma jornada espiritual pelo inferno, o purgatório e o céu.

Demônios e estranhas criaturas, até mesmo o Diabo, foram encontrados no centro da Terra.

A partir desse trabalho, considerado como uma obra-prima da literatura, as imagens do subterrâneo emergem através de poemas, contos, romances e, posteriormente, em filmes de ficção e terror.

4 AS CAVERNAS NA LITERATURA

A disseminação da imagem das cavernas em obras literárias continuou nos séculos que se seguiram à *Divina Comédia*, evoluindo também para imagens agradáveis. Steward (2004) assinala um famoso poema do inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), no qual um rio passa por cavernas inimagináveis ao homem, como lugares duplamente sagrados e encantados.

Em 1864, Júlio Verne descreve uma “*Viagem ao Centro da Terra*”, na qual a Terra é apresentada oca e habitada por criaturas humanóides, que se desenvolviam por vastos oceanos e paisagens montanhosas. Tal mundo era acessível através de um vulcão extinto. Para Steward (2004), na obra “*Cidade Subterrânea*” ou “*The Underground City*”, Verne mais uma vez retorna ao subterrâneo. Outros títulos alternativos dessa obra em inglês são: “*The Child of the Cavern*” e “*Strange Doings Underground*”.

Para os jovens leitores, as cavernas são normalmente percebidas como lugares perfeitos para encontrar aventura e perigo. Assim, em 1865, Lewis Carroll escreve “*Alice no País das Maravilhas*”, cujo título original era “*Aventuras de Alice no Subterrâneo*”. Nessa obra, a jovem cai em um buraco e descobre um novo mundo cheio de estranhas criaturas e lugares inimagináveis. Algumas interpretações acadêmicas sobre a obra destacam a vontade humana de romper com uma ordem pré-estabelecida, por exemplo.

Mais de uma década depois, em 1876, o clássico de Mark Twain, “*As Aventuras de Tom Sawyer*”, tem seu enredo desenvolvido em torno de uma caverna e a dificuldade de encontrá-la. É interessante lembrar que, atualmente, essa caverna é uma das mais visitadas no Estado do Missouri, Estados Unidos.

Em 1885, Henry Rider Haggard escreve “*As minas de Salomão*”, obra que retrata aventureiros em busca das riquezas do rei bíblico Salomão. A fonte de inspiração do autor foi o Monte Elgon (fronteira entre Kênia e Uganda) e suas cavernas. No livro, as personagens saem em busca do tesouro escondido em cavernas encravadas em uma alta cadeia de montanhas. O edocarste é retratado no livro, geralmente associando sentimentos negativos. Na tradução para o português de Eça de Queirós (1891), é possível destacar um trecho do Capítulo V: “*Os nossos nervos, desorganizados já não puderam com esta nova e brusca emoção. Tropeçando uns nos outros, largamos desesperadamente a fugir para fora da caverna.*” Tal sentimento de medo em relação ao desagradável fato ocorrido no interior da caverna é suprimido, posteriormente, no Capítulo XIII, intitulado “A grande caverna”. O sentimento de admiração pelo fenômeno natural toma o lugar dos sentimentos negativos: “*Não tardamos em perceber que estávamos simplesmente n’uma caverna de estalactites, de inigualável beleza. Cada uma d’aquelas gotas de água, que caía, com um som úmido e triste, era mais uma coluna que se estava formando. Há quantos séculos andava a Natureza trabalhando n’aquela obra maravilhosa?*”

Já no século XX, em 1914, o escritor Edgar Rice Burroughs, utilizando a mesma temática de Verne, viaja ao “*Núcleo da Terra*” por meio de um foguete, chegando a um lugar semelhante à Terra, com Sol, Lua, fósseis e uma raça inteligente de primatas. Nessa obra, mais uma vez ocorre a mistura da realidade com a ficção, embora essa última seja muito mais aparente. Em todo o texto, é possível constatar a presença das cavernas como locais misteriosos.

No livro “*Uma Passagem para a Índia*”, de E.M. Foster (1924), escrito durante o domínio inglês sobre a Índia, as Cavernas de Barabar foram chamadas de “*Marabar*” e são retratadas como lugares complexos, confusos e incontroláveis, sendo utilizadas como um poderoso símbolo para demonstrar o que ocorre quando duas culturas tão diferentes entram em choque. Nesse romance, uma jovem inglesa acusa seu guia local de tentativa de estupro, desencadeando tensões raciais entre os colonizadores e colonizados.

Retornando aos clássicos infantis, um importante escritor nacional deve ser lembrado. Monteiro Lobato, que inicia a série “*O Sítio do Picapau Amarelo*” em 1921, retrata as cavernas como morada de seres da mitologia grega, por exemplo, ou de vilões como a “Cuca”, em livros escritos até 1947.

Outras obras literárias seguem-se nas próximas décadas, destacando-se entre essas, os conhecidos livros de J.R.R. Tolkien. Em 1937, o livro “*O Hobbit*” é publicado e, na seqüência, em 1954, os dois primeiros volumes de o “*Senhor dos Anéis*”. Nessa obra, um mundo secundário é habitado por humanos, dragões, *trolls* (seres antropomórficos do folclore escandinavo), *orcs* e elfos. Em sua adaptação para o cinema, locações no carste da Nova Zelândia foram utilizadas, ressaltando ainda mais as terras místicas retratadas nos livros.

Recentemente, Rowling (2005), reserva um capítulo do livro “*Harry Potter e o Enigma do Príncipe*” para descrever uma caverna. Especificamente no Capítulo XXVI, a caverna é descrita como o local onde o vilão *Valdemort* esconde uma *Horcrux*. Tal item é descrito pela autora como o “*objeto em que uma pessoa ocultou parte de sua alma*” (ROWLING, 2005, p.390) no intuito de alcançar a imortalidade. A caverna, repleta de cadáveres, localiza-se no alto de um “*penhasco escarpado, negro e indistinto*” (ROWLING, 2005, p.436) protegida por águas perigosas. Além disso, “*vários nichos pontudos*” (ROWLING, 2005, p.437) que impedem ou dificultam a locomoção das personagens, remetem à imagem dos conhecidos lapiás. O sentimento de espanto fica claro, entre outras passagens, no trecho: “*Estavam à beira de um grande lago negro, tão vasto que Harry não conseguia divisar suas margens distantes, em uma caverna tão alta que seu teto não era visível*” (ROWLING, 2005, p.440).

5 AS CAVERNAS NOS FILMES

Assim como na literatura, as filmagens em cavernas ou a representação das cavernas nessas obras são comuns. Vale a pena destacar que muitos filmes que surgem posteriormente são releituras das obras literárias clássicas citadas anteriormente.

A representação desses ambientes nas telas do cinema ocorre, mais especificamente a partir do ano de 1896, com a obra “*A Sea Cave near Lisbon*”, de Harry Short. Esse trabalho trata de um espécie de documentário, no qual a boca de uma caverna serve de moldura para o movimento das ondas quebrando na rocha. Dois anos mais tarde, em 1898, o filme “*La Caverne Maudite*” inicia a representação das cavernas como ambientes hostis. No *Internet Movie Database* (IMDb) existem pelo menos 50 títulos de filmes relacionados ao termo *caverna* e cerca de 20 deles estão cadastrados na secção de terror/ficção. Outros filmes clássicos da ficção/aventura, como “*As Minas do Rei Salomão*”, “*Guerra nas Estrelas*”, “*Batman*” e “*Indiana Jones e a Última Cruzada*”, revelam as cavernas como locais cheios de significado e mistério.

Em 2006, no Brasil, foram lançados pelo menos três filmes que retratam as cavernas como lugares de terror e morada de seres terríveis (“*A Caverna*”, “*O Abismo do Medo*” e “*A Caverna Maldita*”). No primeiro, os produtores utilizaram-se de locações na Romênia e em Yucatán (México), especialmente para as cenas de espeleomergulho. Já o segundo, utilizou-se de paisagens na Escócia e Inglaterra e o último, “*A Caverna Maldita*” (Caved In), também utilizou locações romenas. Em 2007, o polêmico filme “*Turistas*” também se utiliza locações subterrâneas da Chapada Diamantina, mesmo o enredo se desenvolvendo no Rio de Janeiro.

Tal fato leva à reflexão sobre quão interessante é o campo das pesquisas de percepção ambiental, bem como o estudo das dualidades do imaginário coletivo relacionado ao carste. Assim, mais dois filmes, de gêneros totalmente diferentes dos anteriores, devem também ser destacados.

O primeiro é o filme “*Crônicas de Narnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupas*”, de 2005. Adaptado do livro homônimo, de C.S. Lewis, esse conto retrata as aventuras de quatro crianças que são enviadas para uma mansão no interior da Inglaterra, para ficarem protegidas durante a Segunda Guerra Mundial. Lá, encontram um guarda-roupa mágico que, na realidade, é uma passagem para um outro mundo místico (Narnia), dominado por uma poderosa bruxa.

Mas o que isso tem a ver ao mundo subterrâneo? Para àqueles que estudam o imaginário coletivo das cavernas, o armário pode ser percebido como a própria “caverna”, ou seja, o “portal da Antigüidade” que leva a outros mundos desconhecidos. Nesse “novo mundo” de Narnia, a poderosa bruxa exerce seu poder a partir de um castelo (caverna) de gelo. Um fauno, personagem da mitologia grega meio homem meio bode, mora em uma caverna entre imponentes torres de calcário. Ao final do filme, a batalha entre o bem e o mal é travada em um magnífico *poljé*, comprovando o fato de que, normalmente, o exocarste é retratado associado a sentimentos positivos. Em “*Crônicas de Narnia*”, as filmagens foram realizadas na Inglaterra, Polônia, Nova Zelândia e República Tcheca, locais que apresentam áreas cársticas expressivas.

Outro filme que comprova essa visão, porém com modificações no tocante à percepção do endocarste, é “*Eragon*” (2006). As filmagens foram realizadas em regiões cársticas da Hungria e Eslováquia e, algumas cenas florestais, no Canadá. Também baseado em um livro de ficção de mesmo nome, é o primeiro filme de uma provável trilogia. Seu enredo retrata a estória fantástica de um mundo protegido por dragões e seus cavaleiros contra as forças do mal. No entanto, cavaleiros renegados, utilizando-se de poderes da magia negra, acabam com o domínio do bem. Cabe a Eragon a tarefa de restabelecer a paz.

A dualidade das percepções está no fato de que, em *Eragon*, mesmo que mais uma vez um mundo fantástico seja retratado através de belíssimas regiões cársticas, as cavernas são percebidas tanto como o refúgio do bem quanto morada do mal. A conotação negativa geralmente atribuída ao endocarste não é unânime. Ao analisar o mapa do mundo de *Eragon*, pode-se notar uma semelhança com a região da Planície da Hungria com os Cárpatos ao norte e os Alpes Dinários a oeste. Se tal fato foi intencional não se pode afirmar.

Em relação aos dragões e às paisagens montanhosas, vale a pena destacar o que um famoso geógrafo humanista (Yi-Fu Tuan) ressalta em seu livro “*Paisagens do Medo*”. Na obra, o autor relata uma passagem, no mínimo interessante, de um grande explorador alpino, Johann Jacob Scheuchzer, que se dedicou ao

estudo das plantas, minerais e movimentos do gelo dos Alpes europeus de 1702 a 1711, inclusive com a catalogação dos *dragões* suíços. Segundo Scheuchzer, “os melhores dragões viviam em Grisons, o maior e mais escasseado povoado dos cantões suíços. A região é tão montanhosa e com tantas cavernas, que seria estranho não encontrar aí, dragões” (BERR *apud* TUAN, 2005, p.129).

6 AS CAVERNAS NAS NOTÍCIAS

Pouco divulgadas a não ser nos cadernos de turismo, o carste geralmente surge nos noticiários, associado a acidentes ou resgates fantásticos. Desde 2004, com a procura por Bin Laden, as cavernas são retratadas como a “morada do mal contemporâneo”. Entretanto, pouco se sabe a cerca de um livro “*Afghanistan Cave Complexes 1979-2004: mountain strogholds of the Mujahidden, Taliban e Al Qaeda*” publicado em 2004 pela *Osprey Books*. O trabalho aborda o uso militar das cavernas por cerca 25 anos na região. São descritos detalhes das táticas de como “limpar” seu interior, bem como os procedimentos ofensivos e defensivos adotados ao longo da história militar da região.

Um ramo ainda pouco explorado no Brasil, a Geografia Militar, torna-se de fundamental importância para o estudo do carste e das cavernas ao longo da história. Certamente os combatentes ou refugiados que buscavam abrigo nas cavernas, nutrem pelo espaço, um sentimento *topofílico*. Nativos jamaicanos na luta contra os Ingleses (1690 a 1796), utilizaram o terreno para infligir pesadas baixas ao colonizador numericamente superior. Durante a Segunda Guerra Mundial, judeus ucranianos fugindo da perseguição nazista abrigaram-se por um longo período no subterrâneo. São os “lugares íntimos (...) gravados no mais profundo da memória” propostos por Tuan (1983, p.152).

Em Mombasa (Kênia), o Forte Jesus construído em 1593 pelos Portugueses por ordem do Rei Felipe II da Espanha, é interligado a uma série de condutos pelos quais os sitiados conseguiam suprimentos. Durante sua tumultuada história, entre 1631 e 1875, o Forte foi conquistado e perdido por Árabes e Portugueses pelo menos nove vezes. Somando a

essa história intrigante, uma série de outros túneis mais novos e em direção oposta foi encontrada. Para muitos arqueólogos, esses refletem o medo dos colonizadores Ingleses de possíveis invasões durante a Primeira ou a Segunda Guerra Mundial.

Em outros casos, no entanto, locais antes tidos como seguros, tornam-se a sepultura de seus refugiados. No ano 928, Godfrey Haraldson conduziu um ataque Viking à Dublin, obrigando a população a se esconder em uma caverna e, posteriormente, matando a todos. De acordo com a tradição oral, cerca de 1000 pessoas foram mortas (Harbison, 1992). Em Março de 1944, na Itália, a Caverna de Adreatine foi o cenário ao massacre de 335 italianos por tropas da *Waffen-SS*. Assim, o sentimento *topofóbico* em relação a esses exemplos, certamente sobrepõe ao sentimento de conforto.

Outras manchetes comuns relacionadas ao endocarste são os acidentes e os resgates a turistas desavisados. Entretanto, como demonstrado nos parágrafos anteriores, existem outras formas de dar destaque às cavernas e ao carste. Com o intuito de divulgar o uso humano do carste e das cavernas, a Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), através de sua Seção de História da Espeleologia, decidiu criar um Boletim On-line mensal que se ocupará em fornecer notícias rápidas sobre a temática. Não apenas acidentes, resgates ou a busca por Bin Laden e sim, aspectos culturais e humanos do carste ao longo da história de sociedades distintas. A proposta atual Seção é fomentar a pesquisa em Antropoespeleologia, disseminando os aspectos culturais e históricos da paisagem.

7 OS ESTUDOS HUMANISTAS E O RE-LEVO CÁRSTICO

Com o exposto, acredita-se que investir nos estudos de percepção ambiental e imaginário coletivo seja de fundamental importância para melhor conhecer e compreender certos valores e explicar atitudes de um grupo social em relação ao meio ambiente. Sentimentos *topofílicos* ou *topofóbicos* surgem em diferentes comunidades, podendo ser estimulados de várias maneiras.

Os pesquisadores humanistas direcionam seus trabalhos para a compreensão das experiências, percepções e vivências de um grupo social ou indivíduo com os lugares e não-lugares, buscando, na fenomenologia, as “*principais bases filosóficas da Geografia Humanística, que considera que todo o conhecimento é proveniente do mundo da experiência humana, onde as idéias e as coisas estão indissoluvelmente ligadas entre si, constituindo um único fenômeno.*” (SILVA, 2002, p.78).

Em seu estudo sobre a Topofilia, Tuan (1980, p.26) afirma que “*um símbolo é uma parte que tem o poder de sugerir um todo (...). Em um mundo tão ricamente simbólico, os objetos e eventos assumem significados que para os estrangeiros podem parecer arbitrários*”. Determinadas formas de interação com os espaços os transformam em lugares em um processo de atribuição de valores que, por muitas vezes, não são compreendidos por aqueles alheios a determinado grupo social.

Um exemplo que ilustra a expressão do temperamento de um grupo social é a Lenda do Lapão Velho, descrita por Mendes (2003) que aponta o preconceito e a intolerância religiosa dos moradores da região com as práticas do candomblé. Diz a lenda que, após um ritual de candomblé, a gruta teria se fechado dando origem à abertura de outra gruta, a do Lapão Novo, local atual de práticas associadas ao catolicismo.

Um outro exemplo da interação humana com os espaços/lugares é lembrado por Kranjc (2005) quando descreve as lendas e tradições de *Udin Boršt*, Eslovênia. Na região, acredita-se que exista um humano com cabeça de cachorro (*Pesoglavec*), perseguindo as pessoas que, então, se escondem na caverna *Arneševa lunkja*. Outra lenda registra o desaparecimento de um Castelo Branco que, supostamente, havia sido “engolido” por uma caverna. Em outros casos, cavernas são identificadas como pontos de reunião de bruxas ou os locais por onde o diabo ascenderia à superfície, fazendo-se necessário abençoar a caverna (KRANJC & TRAVASSOS, 2007).

As Romarias às *cavernas-igreja* fazem parte desse contexto. A realidade percebida pelos romeiros parece estranha àqueles que não fazem parte do processo. A definição de uma

caverna sagrada reflete a percepção do grupo social. Mesmo que ambas sejam dedicadas à Nossa Senhora da Lapa, por exemplo, os comportamentos observados devem variar de acordo com sua evolução histórica.

8 CONCLUSÕES

É importante ressaltar que, certamente, as obras citadas no texto não devem ser consideradas como as únicas em que as cavernas ou o carste são retratados. Inúmeras outras obras poderiam ter sido citadas, mas optou-se nesse trabalho, por escolher as clássicas e, por consequência, mais conhecidas.

Através da análise das obras, dois mundos podem ser identificados: um ficcional e outro da interpretação do real. Sendo assim, foi possível ressaltar a importância dos estudos de percepção e análise sobre a capacidade do homem em atribuir significados aos símbolos. Junto a isso, faz-se necessário demonstrar sua importância na compreensão dos valores de uma coletividade, para dar continuidade aos trabalhos relativos às representações humanas das cavernas e à preservação do ambiente.

Além disso, no Brasil, o estudo das cavernas como lugares sagrados, tanto para os sistemas cristãos como para os sistemas afro-brasileiros, é ainda incipiente. Buscou-se com essa comunicação, contribuir para a exposição do tema para fomentar o surgimento de mais pesquisadores interessados sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia*. São Paulo: L&PM Editores, 2004.

A CAVERNA. Direção: Brice Hunt. Produção: [S.I.]. Roteiro: Michael Steiberg, Tegan West. EUA/Alemanha: [S.I.], 2005, 1 DVD (97 min.), NTSC, son., color.

A CAVERNA Maldita. Direção: Rick Pepin. Produção: Lisa Hansen. Roteiro: David Marie Edwards. EUA: [S.I.], 2006, 1 DVD (93 min.), NTSC, son., color.

AS CRÔNICAS de Narnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupas. Direção: Andrew Adamson.

Produção: [S.I.]. Roteiro: Andrew Adamson, Ann Peacock, Christopher Markus, Stephen McFeeley. EUA: [S.I.], 2005, 1 DVD (143 min.), NTSC, son., color.

BURROUGHS, E.R. *At the Earth's Core* (1914). Australia: Deodand Publishing, 2002.

CARROL, L. *Alice no País das Maravilhas* (1865). São Paulo: Natural, 2005. Título original: *Alice's Adventures in Wonderland*.

CHAUÍ, M. *Convite a filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

ERAGON. Direção: Andrew Adamson. Produção: [S.I.]. Roteiro: Andrew Adamson, Ann Peacock, Christopher Markus, Stephen McFeeley. EUA: [S.I.], 2005, 1 DVD (143 min.), NTSC, son., color.

FOSTER, E.M. *Uma Passagem para a Índia* (1924). São Paulo: Globo, 2005.

HAGGARD, H.R. *As Minas do Rei Salomão*. Tradução de Eça de Queirós. Portugal: Livraria Internacional de Ernesto Chardron Casa Editora / Lugan & Genelioux, Sucessores, 1891. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/22015/22015-h/22015-h.htm>> Acesso em 10 de Ago. 2007.

HARBISON, P. *Guide to National and Historic Monuments of Ireland*. Dublin: Gill and Macmillan, 1992.

HOWES, C. Films in cave. In: GUNN, J. *Encyclopedia of caves and karst science*. New York: Fitzroy Dearborn, 2004. p. 359-360.

HUMBOLDT, A.V. *Personal Narratives of travels to the Equinoctial Regions of America during the years 1799 – 1804 by Alexander Von Humboldt and Aimé Bonpland* Translated and Edited by Thomasina Ross. London: Henry G. Gohn, 1852. v.1.

HUMBOLDT, A.V. *Views of nature: or contemplations on the sublime phenomena of creation*. Translated from German by E.C. Otté e Henry G. Hohn. London: Henry G. Gohn, 1850.

- KRANJC, A. The history of cave knowledge and research. In: KRANKC, A.(Org.) *Udin boršt*. Itálya/Slovenia: Museo di Storia Natural e Archeologia Montebelluna, 2005. p.98-99.
- KRANJC, A. ; TRAVASSOS, L.E.P. Cavernas de fé e superstição: exemplos da slovenia. In: IX SIMPÓSIO ANUAL DA ABHR: Religiões e Religiosidade, 2007, Viçosa. *Caderno de Resumos*. Viçosa: UFV, 2007. p. 26-26.
- MENDES, S. R. O imaginário como objeto da História. In: TEIXEIRA, M.G. *O imaginário das grutas*. Ilhéus: Editora da UESC, 2003. p.71-107.
- OLIVEIRA, L. de. Representação cognitiva do mundo interior. In: OLIVEIRA, L. de; FERREIRA, Y.N.; GRATÃO, L.H.B. (Org.) *Geografia, percepção e cognição do meio*. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p.35-47.
- PAOLINI, Christopher. *Eragon*. São Paulo: Rocco, 2005.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- STEWART, P.J. Caves in fiction. In: GUNN, J.(Ed.) *Encyclopedia of caves and karst science*. New York: Fitzroy Dearborn, 2004. p. 205-207.
- STEWART, P.J. Caves in myths and legends. In: CULVER, D.C.; WHITE, W.B. (Ed.). *Encyclopedia of caves*. London: Elsevier Academic Press, 2005. p.406-408.
- SILVA, C.A.da. O turismo no contexto da Geografia Humanística: espaço e lugar. *Boletim Goiano de Geografia*, v.22, n.2, p.73-92. jul./dez.2002.
- THE DESCENT. Direção: Stefen Fangmeier. Produção: [S.I.]. Roteiro: Peter Buchman, Christopher Paolini. EUA/Reino Unido: [S.I.], 2006, 1 DVD (104 min.), NTSC, son., color.
- TOLAN-SMITH, C. Folklore and mythology. In: GUNN, J. *Encyclopedia of caves and karst science*. New York: Fitzroy Dearborn, 2004. p. 364-365.
- TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis* (1954). São Paulo: Martins Fontes, 2001. Título original: Lord of the Rings.
- TOLKIEN, J.R.R. *O Hobbit* (1937). São Paulo: Martins Fontes, 2001. Título original: The Hobbit.
- TWAIN, M. *The Adventures of Tom Sawyer* (1876). Estados Unidos: Penguin Classics, 2003.
- TUAN, Yu-fu. *Paisagens do medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- TUAN, Yu-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- TURISTAS. Direção: John Stockwell. Produção: [S.I.]. Roteiro: Michael Ross. EUA/Reino Unido: [S.I.], 2007, 1 DVD (93 min / 96 min (versão sem censura), NTSC, son., color.
- VERNE, J. *Viagem ao Centro da Terra* (1864). São Paulo: Martin Claret, 2004. Título original: Journey To The Center Of The Earth.
- VERNE, J. *The Underground City* (1877). Estados Unidos: Filiquarian Publishing, LLC, 2006.
-
- 1 – Adaptado da palestra “Visões do carste na mídia: literatura, filmes e notícias” ministrada aos alunos do 5º período do Curso de Geografia da PUC Minas (Campus Coração Eucarístico).
- 2 – Geógrafo, Pesquisador Associado Júnior do Laboratório de Estudos Ambientais da PUC Minas, Coordenador da Seção de História da Espeleologia da Sociedade Brasileira de Espeleologia.